

SOBRE A VELOCIDADE DA VIDA SOCIAL CONTEMPORÂNEA E SEUS REFLEXOS NA ESCOLA À LUZ DE GEORGE SIMMEL E WALTER BENJAMIN

Maria Vitória Moura Oliveira ¹
Emmanoel de Almeida Rufino ²

RESUMO

Este estudo objetiva compreender como a dinâmica da vida social contemporânea reflete no universo da educação escolar e, visando a consecução dessa meta, organizamo-lo em três passos específicos de análise: primeiramente, examinamos a leitura de George Simmel sobre a dinâmica da vida social contemporânea. Depois, apresentamos a leitura crítica de Walter Benjamin sobre o *modus vivendi* social contemporâneo. Por fim, mostramos os reflexos da dinâmica social contemporânea na cultura escolar e como esses autores podem nos ajudar a pensar os problemas e possíveis benesses desses reflexos. Nosso estudo tem caráter estritamente teórico e está fundado no estudo desses autores. Nossa análise é socialmente relevante porque a educação é um fenômeno decisivo na constituição civilizatória do mundo atual e – à luz dos referidos pensadores que fundamentam essa pesquisa – aqui sublinhamos os desafios que as instituições escolares enfrentam e/ou devem enfrentar diante da atual configuração cultural. Em termos conclusivos, mostraremos que os séculos XX e XXI dispõem os alunos a uma cultura de celeridade que os transformam em meros “passantes” da/na escola, flinando na superfície de inúmeros conteúdos do conhecimento, sem fazer uma profunda experiência de compreensão e memória deles. Inspirados em Simmel e Benjamin, veremos que há uma razão inversamente proporcionalmente entre informação e aprendizado, quando ambas são marcadas pela pressa. Assim, ao reproduzir o viés mercadológico de produção e consumo rápido no processo de ensino, a escola acaba por deformar no estudante a polissêmica subjetividade de suas inteligências, fazendo-o agir como mera máquina de reprodução de dados.

Palavras-chave: Cultura contemporânea, Escolas, George Simmel, Walter Benjamin.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é prolífica em processos líquidos (BAUMAN, 2007), marca de uma época em que o tempo e o espaço perderam a previsibilidade de outrora, em que as relações interpessoais seguem a mesma lógica *flex* do mundo das mercadorias no universo do consumo, onde o trabalho cada vez mais competitivo desafia os indivíduos a uma constante atualização (sob o risco da obsolescência), em que as grandes cidades não dormem e sua “insônia” também alcança até mesmo os indivíduos de zonas distantes (como as localidades rurais) que, partícipes do ciberespaço, navegam no universo da informática e cruzam as fronteiras de um mundo que parece não ter mais as antigas fronteiras geográficas. Nesse cenário de intensa velocidade de

¹ Estudante do Curso Técnico em Contabilidade Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, maria.vitoria5285@gmail.com;

² Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Professor do IFPB (Campus João Pessoa), emmanoelrufino@ifpb.edu.br.

fenômenos e relações estamos todos nós, sujeitos contemporâneos. Nesse cenário estão as escolas, que são desafiadas a preparar cada indivíduo para acompanhar a célere dinâmica do seu tempo sem acomodá-los ao puro presente. Nesse contexto, as escolas são espaços fundamentais de transmissão e comunicação de sentidos culturais que são, por sua vez, intensamente influenciadas por todos os cenários que expusemos.

O contexto acima apresentado nos motivou, portanto, a desenvolver uma investigação sobre a seguinte problemática: como a dinâmica da vida social contemporânea reflete no universo da educação escolar? Objetivando, assim, traçar esse perfil de influência entre a cultura societária e a cultura escolar, fundaremos nossa análise em dois autores contemporâneos para quem a relação entre cultura e sociedade contemporânea foi decisiva em seu pensamento: George Simmel (1858-1918) e Walter Benjamin (1892-1940). A fim de alcançarmos a meta geral que anunciamos, organizamos nossa análise em três objetivos específicos de análise: primeiramente, examinaremos a leitura de George Simmel sobre a dinâmica da vida social contemporânea, explorando os fundamentos teóricos do seu pensamento. No segundo momento, apresentaremos a leitura crítica de Walter Benjamin sobre o *modus vivendi* social contemporâneo. Por fim, mostraremos os reflexos da dinâmica social contemporânea na cultura escolar e como Simmel e Benjamin podem nos ajudar a pensar os problemas e possíveis benesses desses reflexos.

À título de justificativa, sublinhamos que nosso estudo é relevante acadêmica e socialmente. Academicamente, estabelecemos um diálogo importante com autores que estão nos primórdios culturais da contemporaneidade e que – segundo o cremos – podem nos auxiliar à compreensão do modo como recentemente dispomos nossas ideias e práticas sociais e, de modo mais especial, o modelo de educação escolar organizado para responder às referidas demandas sócio-culturais, já que a escola é a instituição ordinária responsável por comunicar os padrões de experiências cultural aos indivíduos (FREITAS, 2006, p. 9). Verter nosso olhar às origens de um tempo histórico é um exercício importante para desvendarmos suas razões fundantes e seus desdobramentos.

Por mais que a escola não seja – por si – uma invenção recente, a compreensão de sua atual disposição depende de um olhar a suas bases culturais, que aqui queremos desvelar com Simmel e Benjamin. Quanto ao fenômeno educativo escolar, suas mutações sempre alinhadas às variações do comportamento social em cada tempo e espaço nos fazem saber que remeter nosso olhar ao pensamento de autores que analisaram essas variações – como Simmel e Benjamin – sempre é potencialmente relevante quando queremos entender problemas e soluções educacionais.

METODOLOGIA

A realização deste estudo seguiu uma tipologia teórica, o que justifica o uso de materiais bibliográficos. Diante disso e considerando os objetivos específicos supracitados, organizamos nossa estratégia metodológica de nosso estudo bibliográfico da seguinte maneira: primeiramente, a fim de examinarmos a leitura de George Simmel sobre a dinâmica da vida social contemporânea, explorando os fundamentos teóricos do seu pensamento, fizemos uso das obras *As grandes cidades e a vida do espírito* (SIMMEL, 2005) e *Tempos modernos, tempos de sociologia* (BOMENY *et al.*, 2013). No segundo momento do nosso estudo, ao apresentarmos a leitura crítica de Walter Benjamin sobre o *modus vivendi* social contemporâneo, fizemos uso do texto “Experiência e pobreza” (1933) escrito por Benjamin em 1933. Para ambos os autores, a fim de dar robustez a nossa interpretação, remetemos nossa leitura dos autores aos comentários do livro “Tempos modernos, tempo de sociologia”. Esse livro também nos serviu para o desenvolvimento do terceiro e último objetivo específico, quando mostrarmos os reflexos da dinâmica social contemporânea na cultura escolar e como Simmel e Benjamin podem nos ajudar a pensar os problemas e possíveis benesses desses reflexos. Para esse último momento da análise, utilizamos o artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, do pedagogo espanhol Jorge Larrosa Bondía (2002).

Diante desses passos metodológicos aqui previstos e anunciados, cremos poder satisfazer adequadamente as demandas de análise que projetamos – em cada objetivo específico – à resolução do problema da pesquisa que anunciamos anteriormente.

DESENVOLVIMENTO

1. Retratos da sociedade contemporânea à luz do pensamento de George Simmel

Georg Simmel (1858-1918) foi um importante sociólogo e filósofo alemão, e suas obras contribuíram expressivamente para o engrandecimento do pensamento sociológico contemporâneo. Dentre os muitos assuntos que abordou e seus escritos, Simmel se dedicou principalmente a temas relacionados à dinâmica da vida na contemporaneidade e do indivíduo moderno inserido nesse contexto³.

³ Disponível em: <<https://zahar.com.br/autor/georg-simmel>>. Acesso em: 24 de setembro de 2019

Simmel observou as mudanças que ocorreram a partir do processo de modernização ocidental, mudanças essas que estimularam melhorias nas condições de vida, promoveram revoluções tecnológicas, a aceleração do ritmo de produção (de coisas e ideias) e o aumento dos estímulos psíquicos – como imagens, sons, propagandas, novos produtos e tendências – com que os indivíduos passaram a se deparar. Esse pensador nos ajuda a compreender os desafios presentes na vida social da metrópole, fazendo uma associação entre ela e a vida psíquica, criando um conceito chamado por ele de intensificação nervosa, que explica como o crescimento geométrico dos estímulos nervosos modificaram a assimilação, percepção e a interação das pessoas com o meio em que estão inseridas (BOMENY *at all*, 2013, p. 105).

Para Simmel (2005), a vida num grande centro urbano é distinta da vida nas pequenas cidades (onde o ritmo de vida é mais sereno, concomitante ao tempo da natureza). Até os dias atuais vemos como esse fenômeno é perceptível pois, geralmente, nas cidades do interior todos se conhecem por nome ou família, sabem da história dos que ali habitam, produzem o que consomem e não existe o trânsito das cidades grandes, nem a correria em busca do novo que logo se torna obsoleto, diferentemente da vida metropolitana que torna os indivíduos sujeitos vulneráveis a tudo o que é produzido, além de hiper-dimensionar sua ansiedade para obtê-los. Para lidar com a dinâmica de experiências múltiplas e com a rapidez das informações e das tendências que são produzidas nas metrópoles, os indivíduos começaram a adotar uma postura chamada por Simmel de *atitude de reserva*, conceito que – segundo o referido autor – reflete o fato das pessoas tornarem-se mais insensíveis, pragmáticas e calculistas como forma de secundarizar suas emoções e priorizar sua inteligência, o que tende a convertê-los em sujeitos frígidos a acontecimentos alheios às suas próprias vidas (BOMENY *at all*, 2013, p.107). Sobre isso ele escreveu:

A atitude espiritual dos habitantes da cidade grande uns com os outros poderia ser chamada (...) como reserva. (Na cidade grande) somos coagidos àquela reserva, em virtude da qual mal conhecemos os vizinhos que temos por muitos anos, e que nos faz frequentemente parecer, ao habitante da cidade pequena como frios e sem ânimos. Decerto (...), o lado interior dessa reserva exterior não é apenas a indiferença, mas sim (...) uma leve aversão, uma estranheza e repulsa mútuas (...). Toda organização interior de uma vida de circulação ampliada (...) baseia-se em uma gradação extremamente multifacetada de simpatias, indiferenças e aversões, das mais efêmeras como das mais duradouras. (...) Essa reserva (...) garante precisamente ao indivíduo (...) uma medida de liberdade pessoal (SIMMEL, 2005, p. 577-591).

Em meio a tantas provocações mentais, os indivíduos foram obrigados a adaptar sua capacidade de percepção da realidade para serem cada vez mais rápidos e apreenderem mais

informações para não se tornarem ultrapassados; entretanto, sabe-se que quanto maior o volume do conhecimento transmitido (agravado pela rapidez de sua transmissão), pouco desse conhecimento tende a ficar na memória humana. Nos dias que correm, quando abrimos as redes sociais somos bombardeados por diversos conteúdos, propagandas e serviços. Mesmo após fecharmos – por exemplo – os diversos aplicativos de interação social existentes no ciberespaço dificilmente nos lembramos do que se passou conosco e do que nos foi “passado”, tamanha a velocidade das interações, e, quase sempre, voltamos a reabrir os perfis interativos busca de mais conteúdo. Soma-se a isso as propagandas e as outras ferramentas produzidas pelos meios de comunicação que, por sua vez, são responsáveis por expor novas ideias, teorias, culturas, músicas, livros e etc., excitando-nos a ir sempre em busca do que se é novo e moderno, do que – portanto – ainda está por vir, fenômeno que Simmel já percebia em sua época, apesar de ter menor proporção. Se na época em que viveu George Simmel não havia internet e redes sociais, lembremo-nos que a exponenciação demográfica das metrópoles já prefaciava o perfil do mundo atual.

Nas grandes cidades o número de pessoas é crescente, o que faz com que exista uma multiplicidade de relações e interações sociais, hábitos e gostos, mostrando uma polissemia identitária nas sociedades contemporâneas, o que Simmel batizou de *cultura subjetiva*, que, aliás, forma a cultura objetiva, que seria – por sua vez – uma junção de outras (sub)culturas⁴. Em suma, Simmel nos desvela uma época de ritmo célere em suas transformações, o que muitas vezes fará dos sujeitos seres clandestinos em seus próprios espaços de pertencimento, já que eles mesmos estão sob a égide da fluidez. E quando esse território é a escola, o cenário não se modifica: os indivíduos estão à deriva, buscando referenciais para se *ser* alguém, uma subjetividade percebida e valorizada pelos demais, sejam esses “demais” indivíduos, grupos sociais, o mercado de trabalho, etc.

2. Retratos da sociedade contemporânea à luz do pensamento de Walter Benjamin

A modernidade trouxe consigo infinitos bônus para a vida em cidade; as ideias de progresso civilizatório e da ciência são exemplos de referências que inspiraram o mundo e fizeram com que os seres humanos pudessem promover inimagináveis invenções – como medicamentos capazes de curar doenças até então eram incuráveis, tecnologias capazes de

⁴ A rica cultura brasileira é formada, por exemplo, por todas as outras culturas existentes no Brasil que são a norte-nordeste e a centro-sul, que apesar de serem tão diferentes entre si, formam esse polo cultural diversificado que é o Brasil.

conectar pessoas que estão em lados opostos do mundo, automóveis, televisores de última geração, e tantos outros produtos e serviços que viraram motivo de cobiça e que hoje movimentam a indústria capitalista.

Dentre os muitos focos de análise de Benjamin (1987), podemos dizer que dele não “escapou” – ainda que *en passant* – o fenômeno *indústria cultural*. Vertida à alimentação do universo produtivo do capitalismo moderno ocidental, a indústria cultural atua transformando o universo simbólico e material em mercadoria, acessível a cada vez mais pessoas (feita para o consumo das massas) justamente por ser firmada numa lógica de produção em larga escala. E para que exista esse consumo, a indústria produz mecanismos para promover seus produtos, como por exemplo e à luz da época de Benjamin, a propaganda oferecida por jornais, rádios, vitrines e outros, seja por meio do uso de imagens, cores, formas e discursos influenciadores, cujo incentivo às massas se firma na promoção de um consumo cada vez mais e mais rápido. Esse alto fluxo de informações e opções de consumo que despontaram com a modernidade nas grandes cidades, influenciou na maneira como as pessoas reagem ao mundo a sua volta, tornando-as mais superficiais em suas relações, mais mecânicas e aceleradas, fazendo com que suas experiências percam a riqueza e sua significância. Um filósofo que reporta bem esses reflexos da modernidade e sua estrutura social é justamente o alemão Walter Benjamin.

Walter Benjamin foi um notório pensador, filósofo, ensaísta, tradutor e crítico literário do século XX. Nascido em Berlim em 1892, faleceu em 1940 ao suicidar-se em Portbou, enquanto fugia do regime nazista. Benjamin deixou um acervo de obras relativas a diversos temas como as artes, história e sobre a modernidade, suas principais obras são *A Obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica*, *Teses sobre o conceito de História*, *Paris, a capital do século XIX* e *Experiência e Pobreza* (EBIOGRAFIA, 2019). Ao articular seu pensamento em relação a contemporaneidade, ele utiliza alguns dos conceitos de Max Horkheimer e Theodor Adorno (provenientes da Escola de Frankfurt e junto a quem Benjamin mantinha uma relação de proximidade pessoal e intelectual).

Ao escrever sobre o mundo contemporâneo, Benjamin utiliza Paris como referência para materializar sua filosofia (atenta ao modo como a sociedade contemporânea estava se organizando, de modo inédito). Nesse período, Paris – a capital do século XIX – respirava o ar sublime da *Belle Époque*, momento de êxtase em toda a Europa e que trazia consigo os ideais de progresso, aperfeiçoamento moral, ético, científico, a industrialização e a modernização. Para acompanhar esse processo a cidade passou por reformas para substituir a arquitetura dos seus velhos tempos, traduzindo, assim, os ideais desse período de prosperidade que se anunciava. As ruas da capital, tornaram-se mais largas, vistosas e iluminadas, vitrines foram

postas nas casas, formando adiante as galerias parisienses que, por sua vez, chamavam atenção por seu perfil luxuoso. Nelas ficavam expostas as últimas novidades, produtos, objetos, serviços e entretenimento, produzidas pela indústria para estimular o consumo, daqueles que por lá passavam e desprendiam horas (BOMENY et all., 2013). Essas pessoas que por lá passam foram chamadas por Benjamin de *passantes* (ou *flanêurs*), reflexos do homem moderno, que flanavam pelas ruas parisienses vivenciando muitos cenários e opções de consumo como uma espécie de subjetividade visitante dos shoppings contemporâneos.

Nesse cenário parisiense, Benjamin retrata uma sociedade com pessoas sufocadas pelas demandas e produtos da indústria capitalista e pela intensa propaganda que, apesar de só chegar ao seu auge no século XXI, já desponta preminentemente no século XX, por consequência do advento dos meios de comunicação como a imprensa, o rádio, o cinema, cartazes e tantos outros. Os estímulos que os passantes recebiam eram inúmeros, pois nessa época o cinema, os espetáculos e as noites parisienses eram motivos de cobiça, e todos desesperadamente corriam atrás de mais e mais vivências como essas. Os passantes eram, pois, sujeitos que vivenciavam muitas coisas, mas pouco experienciavam profundamente, vivendo, assim, na superficialidade, flanando sobre os estímulos, tocando em tudo sem se deixar tocar facilmente por algo (imagem que muito nos lembra aqui os estudantes das escolas atuais, que diante da aceleração das informações a eles repassadas e inúmeras demandas/pressões sociais, tendem a viver o fenômeno da aprendizagem de um modo superficial, tamanha a quantidade de estímulos que têm para se preocupar e tentar receptor).

A partir desse período houve uma intensificação do consumo, alterações nas formas de percepção do mundo e o tempo se expôs mais veloz, tal como o tempo industrial. Para traduzir essa realidade, Walter Benjamin (1987) desenvolveu os conceitos de *experiência* e *vivência* sob inspiração naquilo que Sigmund Freud pensou a respeito deles, apesar dessas conceituações manterem alguma distinção. Com toda essa modernização, o número de vivências (que, para Benjamin, são mais superficiais que as *experiências*) aumentou significativamente; porém, isso ocasionou a redução das experiências reais e concretas das coisas. As pessoas que vivem da pura vivência são tão instigadas com tantas informações e novidades que não possuíam tempo para capturar tudo; as pessoas nas galerias parisienses eram meras passantes, pois vivenciavam seus estímulos, mas não eram marcadas por eles (não os experienciando). Atualmente, isso mostra a realidade dos indivíduos que frequentam grandes shoppings center (tais como as galerias): passam pelos shoppings, mas não permitem que o que lá está os transpasse; eles olham, apenas olham repetidamente, mas nada observam, pois estão ali sem sentido objetivo algum, geralmente procurando o que é atual, o que acabou de ser lançado, mesmo que isso

venha a se tornar rapidamente obsoleto e já se saiba disso. Após saírem do shopping, esses indivíduos apenas recordam de terem passado por muitas coisas.

O universo de possibilidades de vivências existentes é vastíssimo; existem diversos estilos, gostos e culturas a toda hora e momento, fazendo com que as pessoas corram desesperadamente em busca dessas, mas ao mesmo tempo empobrecendo as experiências verdadeiras que poderiam ter com as vivências disponíveis, pois a pressa os impossibilita de saboreá-las de fato, de aprendê-las e significá-las. A alavanca para esse comportamento é a ansiedade por tudo aquilo que é novo/tendência e que a indústria está produzindo.

Existem vários exemplos práticos nos dias que correm dos reflexos da velocidade do mundo moderno nas experiências, pois seja ao assistir a TV ou ao voltar da escola ou ao retornar para casa no final de um dia de trabalho, a memória não consegue recordar-se de tudo, porque são inúmeros os estímulos cerebrais a que se está suscetível e muitos deles não são fixados na memória justamente pela rapidez com que são passados (fenômeno que, conforme mostraremos a seguir, traduz bem as escolas contemporâneas).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

3. Os reflexos da dinâmica célere da vida social contemporânea às escolas e seus processos de formação

Com base na investigação dos pensamentos de Simmel e Benjamin acerca mundo contemporâneo e sua organização, vimos os efeitos desse cenário no cotidiano dos indivíduos que nele habitam: velocidade, consumo, informações e ansiedade são alguns de muitos outros fatores sob os quais os indivíduos passaram a conviver com o advento da modernidade (e, para lidar com tais elementos e acompanhá-los, os indivíduos foram suscitados a promover em si incontáveis transformações vultosas). O fenômeno da intensificação nervosa sublinhado por Simmel (2005), mostra como esse espírito da contemporaneidade incidiu sobre a vida psíquica das pessoas, levando-as a padrões de comportamento que iriam se repetir e intensificar ao longo dos séculos. A interação com a natureza, as formas de comunicação, a interação social, tradições, valores morais e éticos mudaram desde a amplificação nervosa nas cidades. Vimos também que a atitude de reserva legitimada pelas pessoas ao lidarem com suas relações interpessoais merece destaque, pois com o acervo de experiências existentes ao redor do mundo e a impressão de que o ponteiro do relógio está passando mais rápido que o normal, faz com que a conduta assumida por esses indivíduos seja o estabelecimento de relações mais frívolas.

Hoje, as relações tornaram-se mais vazias de significação para os que as perfazem e essa ideia é solidificada quando os indivíduos visitam cafés, bares, restaurantes e outros ambientes de convívio: neles é perceptível o quão inseridas estão as pessoas no séquito fechado do seu mundo individual, fechadas dentro de suas preocupações, muitas vezes hipnotizadas por aparelhos celulares, deixando de compartilhar experiências mútuas com quem as cerca. O reflexo real disso seria a figura de um pai ou de uma mãe que passa o dia no trabalho, chega em casa, superlotado(a) de preocupações e inquietações, não dando a devida atenção aos seus filhos, nem a seu(sua) cônjuge, negligenciando seu lado afetivo. Pois bem, em relação à modernidade, Simmel e Benjamin concordariam que esta mudou radicalmente os indivíduos.

Ao dispor seu pensamento, Benjamin (1987) caracteriza o visual psíquico dos homens modernos através da figura dos *passantes* nas galerias de Paris que tanto veem, mas nada enxergam, que tanto se relacionam, mas nada constroem verdadeiramente. O filósofo entraria em consenso com Simmel de que o comportamento social haveria mudado através do empobrecimento do que Benjamin chamou de *experiência (erfahrung)*, ocasionado pela rapidez do mundo contemporâneo que efetivou as vivências frígidas. O exemplo da atitude do pai e/ou da mãe com sua família também pode encaixar-se nesse pensamento, mergulhado em vivências da modernidade, por esse/essa pai/mãe aflito/aflita com o futuro ser afetado/afetada pela constante sensação do que o tempo está correndo e de que ele/ela não produz experiência real e concreta com aqueles que são sua família.

Essa velocidade contemporânea tratada por esses dois autores possui um reflexo notável dentro do ambiente escolar (BONDÍA, 2002). Em meio ao século XXI – marcado pela tecnologia, pela produção e pelo consumo exacerbado de ideias e materiais, coisas e pessoas – temos alunos exigidos constantemente à realização de um movimento de atualização, apreensão de novas informações e busca constante por aperfeiçoamento intelectual (para manter o ritmo das demandas dos muitos mercados: trabalho, consumo etc.). Esses mercados querem indivíduos capazes de cumprirem com seus papéis sociais dentro da comunidade, o que desemboca às escolas com as pressões por alunos cuja formação os torne cada vez mais parecidos com os produtos de mercado.

Os jovens da contemporaneidade são bombardeados por angústias, inquietações e incertezas, são tantas informações para serem capturadas, o que têm repercussões graves no ambiente escolar, repercutindo – geralmente de modo negativo – à experiência de aprendizagem dos estudantes. Em meio a expectativas que os sujeitos se impõe e veem se impor sobre si através das imposições sociais (que esperam seu cumprimento, sob o risco da obsolescência social), muitos estudantes não têm tempo para viver a escola e seus saberes com a profundidade

necessária, porque a totalidade da experiência escolar só poderia ser vivida em seus detalhes se houvesse mais tempo humano e, portanto, menos incidência dos reclames do tempo dos mercados.

Essa velocidade e expectativa excessiva marcada pelo mundo moderno fez com que subisse no mundo o número de casos de depressão e transtornos de ansiedade, fenômeno que também marca cada vez mais o ambiente escolar⁵. Esses casos de ansiedade impactam no aprendizado dos jovens, pois eles limitam a capacidade de compreensão e concentração, diminuindo a probabilidade de fixação dos conteúdos e informações que lhes são passados em sala de aula. Esse fato está correlacionado com o que Walter Benjamin (1987) pensou a quase um século sobre o *empobrecimento das experiências*: os alunos estão perdendo o verdadeiro significado da aprendizagem pois não estão conseguindo mais fazer a real experiência do saber, pois não tem tempo para maturar os detalhes das áreas do saber. Ao reproduzir o viés mercadológico de produção e consumo rápido no processo de ensino, a escola acaba por deformar o estudante a polissêmica subjetividade de suas inteligências, fazendo-o agir como um simples mecanismo de reprodução e repetição de dados do conhecimento acadêmico e expectativas sociais. Essa lógica se materializa em diversos momentos na vida do estudante como os fardamentos, os horários para comer e descansar, os toques de recolher, a postura que deve adotada pelos alunos (que devem estar sempre de prontidão) e a contagem de presenças no final do dia, muitos exemplos de coisas que aproximam as escolas da realidade fabril.

Nesse cenário, o aluno seria como aquilo que Benjamin chamou de *passante*, aquele que apenas passa e nada absorve verdadeiramente daquilo que o cerca: ao ficar o dia todo na escola, sentado numa cadeira, respirando tudo aquilo que é dito pelos professores, muitas vezes perguntando-se o porquê de estar ali ouvindo aqueles termos que mais parecem estar em outro idioma, e questionando-se qual a importância daquilo, os alunos vivem a superficialidade do passante, como se sua experiência seriada fosse apenas um passeio por uma galeria de muitas vivências e poucas experiências possíveis. E, ao chegar em casa, depois de um dia exaustivo, esses alunos tendem a não se recordar mais do que lhes foi passado durante o dia. Outro fenômeno sintomático: ao fazerem uma prova, muitos alunos de hoje reclamam do cada vez mais comum e famigerado *apagão*, o que – à luz de Simmel – podemos entender como uma consequência natural do processo de aceleração de aprendizados a que os alunos são

⁵ Segundo a OMS, o Brasil é o país mais ansioso do mundo. O país sofre uma epidemia de ansiedade. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o País tem o maior número de pessoas ansiosas do mundo: 2019 18,6 milhões de brasileiros (9,3% da população) convivem com o transtorno (OMS, 2019)

submetidos⁶: ora, Simmel alertou que há uma razão inversamente proporcionalmente entre informação e aprendizado, quando ambas são marcadas pela pressa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernidade marcou severamente o comportamento dos indivíduos e a estrutura social na qual estão inseridos. O fluxo acelerado de informações junto ao pensamento moderno, desenvolvido ao longo dos séculos promoveu a dinamização das relações, formas de consumo, alterações na forma de percepção do mundo, invenções e até novas ideologias. A intensificação nervosa advinda da expansão do cardápio de vivências, consumo e experiências fez com que os indivíduos adotassem novas posturas, tal como nos mostraram Georg Simmel e Walter Benjamin. No ambiente escolar, essas mudanças também são efetivadas no modo comportamental dos alunos, já que a escola reflete a dinâmica cultural vigente. Dentre as várias mutações, os alunos foram submetidos a um cenário que dificulta suas experiências do saber, muitas vezes porque essa experiência está associada a uma dinâmica extremamente veloz e utilitarista que faz os alunos serem meros passantes de uma série acelerada de vivências que seguem lógica frenética da novidade, no mundo da produção e do consumo. Neste sentido, concluímos – à luz das análises de Simmel e Benjamin – que esse contexto cultural dificulta não só a aprendizagem dos dados objetivos do conhecimento (por parte dos alunos), como também sua perspectivação subjetiva na vida prática, já que a pressa com que a cultura educativa atual se constitui os torna clandestinos à reflexões demoradas e profundas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. São Paulo: Jorge Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁶ A memória humana é dividida em memória de procedimento e a declarativa, a primeira sendo expressa em atividades do cotidiano, e a segunda relacionada à aprendizagem, informações e dados, todavia, ainda apresenta outras duas subdivisões que são a memória de curto e longo prazo. Ao nos depararmos com uma informação, esta é levada até a memória declarativa e para a memória de curto prazo, porém, tudo aquilo que não for verdadeiramente significado e consolidado não será enviado para a memória de longo prazo, mas sim permanecerá na de curto prazo, onde temporariamente ficará. É isso que acontece com as informações transmitidas em sala de aula aos alunos em muitos casos, são descartadas após um curto intervalo de tempo, pois não é feita a experiência concreta de todo esse conhecimento e não atribui-se sentido para tamanha quantidade de informação, acarretando no déficit do desempenho escolar e intelectual do aluno.

BOMENY, Helena; FREIRE-MEDEIROS, Bianca; EMERIQUE, Raquel Balmant; O'DONNELL, Julia. **Tempos modernos, tempos de sociologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, Janeiro/Abril, 2002.

DRAUZIO, Varella. **Memória**. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/corpo-humano/memoria/>>. Acesso em: 23 de setembro de 2019.

EBIOGRAFIA. **Walter Benjamin**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/walter_benjamin/>. Acesso em: 24 de setembro de 2019.

EXAME. **Brasil é o país mais ansioso do mundo, segundo a OMS**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/ciencia/brasil-e-o-pais-mais-ansioso-do-mundo-segundo-a-oms/>>. Acesso em: 25 de setembro de 2019.

FREITAS, Alexandre Simão de. Paidéia e cultura na contemporaneidade. **Revista Studium**, n. 17., Recife, 2006.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, n. 11, p. 577-591, 2005. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso em set. 2019.

ZAHAR. **Georg Simmel**. Disponível em: <<https://zahar.com.br/autor/georg-simmel/>>. Acesso em: 24 de setembro de 2019.